

Fugindo da cova do leão

C. BRIAN KELLY

Desde que o Muro de Berlim foi levantado, em 1961, milhares de pessoas destemidas conseguiram transpô-lo pelo ar, por túneis ou, simplesmente, forçando a passagem através de seus blocos de concreto, arame farpado e da vergonhosa «faixa da morte» — mas nenhuma tentativa foi mais audaciosa ou mais brilhantemente planejada do que a da família Holzapfel

UMA CHUVINHA de noite de verão caía levemente sobre as cidades gêmeas de Berlim, encharcando a barreira que separa o Leste do Oeste; ensopava os quatro homens que se encontravam agachados na base da parte ocidental do muro. Não falavam, nem mesmo ousavam mover-se.

Lá no alto, acima deles, do lado leste do muro, estavam as ameias do Palácio dos Ministérios, ex-quartel-general da Luftwaffe de Hermann Göring e, desde 1965, o centro burocrático (o covil do leão) da comunista República Democrática Alemã. Em algum lugar sobre o teto dos ministérios, além do muro intensamente iluminado e da fronteira vigiada por guardas armados do Exército Nacional do Povo, os três membros

de uma família (pai, mãe e filho) rastejavam sob a chuva, em direção da liberdade...

AINDA estava escuro quando o despertador tocou, às 4:30 daquela madrugada, mas Heinz e Jutta Holzapfel já estavam acordados em seu pequeno apartamento de Leipzig. O filho, Günther, ainda dormia profundamente.

«Acorde, Günther!» exortaram os pais. «Temos de tomar o trem para Berlim.»

Günther tinha nove anos e estava encantado com a viagem. Visitaria o Palácio dos Ministérios, onde seu pai às vezes trabalhava. Vestiu-se e correu atrás dos pais para o frio ar da manhã.

Tomaram o trem das 6:13, em direção à capital. Às 10:30, estavam no enorme *hall* de entrada do

Palácio dos Ministérios, no meio da multidão de visitantes que se aglomera naquela entrada todas as manhãs para obter os passes, e se estende mais além, pelos corredores. Heinz apressou o passo em direção ao escritório dos passes, um pequeno cubículo ao lado de uma sentinela armada. Jutta e Günther ficaram um pouco para trás, de forma que, se Heinz fosse barrado, eles pudessem voltar para casa.

Mas ninguém prestou atenção àquele homem franzino, de cabelos curtos e roupas discretas, não percebendo que na realidade nem Heinz nem Jutta tinham tirado passes novos.

Quando Jutta passou pelo escritório com Günther, Heinz estava no meio da multidão, em frente à sentinela. Acenando para que se apressassem, o guarda nem olhou direito os passes desatualizados que mostraram (obtidos numa visita anterior e nunca devolvidos). Uma vez lá dentro, misturaram-se rapidamente com a multidão.

Comunistas indecisos. A história dos Holzapfels começou realmente em 1945, quando o exército soviético ocupou Berlim. Filho de um sapateiro de Leipzig, Heinz era um rapazinho de 14 anos, pálido e magro. Cresceu nas escolas criadas pelos comunistas na zona soviética e, em 1953, fazia parte da Juventude Alemã Livre, campo de treinamento de futuros camaradas. Gozou do privilégio de estudar numa escola especial de ciências econômicas, onde conhe-

ceu uma garota franzina, de cabelos castanhos, chamada Jutta, também comunista.

Casaram, e Heinz foi trabalhar como carpinteiro numa fábrica de compensados. Paralelamente estudava economia marxista na Universidade de Leipzig. Logo depois de levantado o Muro de Berlim, em 1961, tornou-se «perito em planejamento», para 20 fábricas de compensados, e líder de grupo no comitê do partido comunista em seu escritório.

Pelo fato de ter parentes na Alemanha Ocidental, Heinz sabia que só poderia subir até certo ponto na hierarquia diretiva, mas, dentro do seu próprio grupo, estava confiante. Jutta lhe dava uma ajuda inestimável. Primeiro, foi editora de um boletim de fábrica e, mais tarde, trabalhou no departamento de pessoal da feira industrial e comercial de Leipzig. Eram considerados por todos «o casal comunista perfeito».

No entanto, existiam dúvidas – hesitantes a princípio, mais definidas depois – mas nenhum dos dois ousou mencioná-las, até uma noite de inverno de 1963.

Heinz tinha-se demorado no escritório por causa de mais uma das intermináveis reuniões do partido. Quando chegou em casa, bateu a porta com violência, reclamando que a reunião tinha sido só conversa, que era impossível produzir as quotas. Exortações fáceis aos trabalhadores – tudo mentira! Não podia mais suportar hipocrisia – a

do Estado, a do partido e a sua própria. Queria «desaparecer dali».

Jutta ficou estupefata. Nunca tinha ouvido Heinz falar daquele jeito. O que ele estava propondo era uma *fuga*.

E ela, que estava dizendo? Duas simples palavras: «Eu também.»

Fitaram-se mutuamente. Não havia mais nada a dizer.

Nas poucas semanas seguintes, Heinz e Jutta discutiram as possibilidades de fuga, mas logo chegaram à conclusão de que as fronteiras entre o Leste e o Oeste formavam realmente uma Cortina de Ferro — demasiado fortificadas para serem enfrentadas abertamente, e muito vigiadas para serem atravessadas sorrateiramente. Passou ano e meio. Jutta permaneceu na feira e Heinz continuou seu trabalho.

Cerca de duas vezes por mês, Heinz viajava para Berlim Oriental, em missão oficial para sua empresa madeireira, subsidiada pelo Conselho Econômico Nacional, no Palácio dos Ministérios. Um dia, Heinz descobriu que os ministérios se tinham tornado para ele mais do que um simples local de trabalho. Nos fundos do prédio, apenas a rua Niederkirchner (apelidada de «faixa da morte») o separava do Muro. Visitando seus colegas nos andares superiores que tem o prédio, Heinz podia olhar para Berlim Ocidental e ver o tráfego, uma mulher pendurando roupa, um garoto como Günther voltando da escola para casa.

Ao nível da rua, não seria difícil alcançar a faixa divisória a partir do pátio dos ministérios. Era fácil, mas inútil; não havia possibilidade de um indivíduo abrir caminho através das duas cercas de arame farpado, atravessar a faixa da morte e escalar o muro, sem ser preso ou morto.

Tinha que haver outro jeito. Um dia, olhando do meio da rua aquela imensa e ameaçadora estrutura, a solução apareceu-lhe de repente. O telhado! Claro. Quem iria pensar numa fuga através do telhado do Palácio dos Ministérios?

Viu também como poderia levar a cabo seu plano. As luzes constituíam o perigo óbvio, mas seus focos estavam voltados para baixo, em direção ao chão. Quem olhasse para cima, a partir do andar térreo, ficaria completamente ofuscado. O momento de real perigo seria durante a descida. No entanto, o mecanismo que Heinz tinha em mente reduziria esta exposição a apenas alguns segundos.

Naquela noite, Heinz expôs seu plano a Jutta, dizendo-lhe que iria dar certo. Ela concordou.

Trampolim para a fuga. Pediram a ajuda de velhos amigos na Alemanha Ocidental. Aproveitando rotineiramente o direito de visita à parte comunista da Alemanha, esses amigos encontraram-se várias vezes com os Holzpfels. Combinaram esperá-los na base do Muro, do lado oposto aos ministérios, na noite da tentativa.

Enquanto isso, Heinz tinha começado um minucioso estudo do telhado dos ministérios. Felizmente, este era construído em degraus, como um bolo de casamento; seria fácil pular de uma janela para uma dessas saliências do telhado. Do telhado do quinto andar, ia-se cair direto no chão. A que altura ficava esse andar? Tomando como medida o pé-direito de um dos banheiros dos ministérios e usando uma fotografia do imóvel, Heinz calculou a altura em 23 metros. Em seguida, avaliou em 12 a 15 metros o vão entre a estrutura do prédio e o Muro. Os números foram dados aos seus amigos na Alemanha Ocidental.

Seria necessário um lugar para se esconderem; talvez um dos escritórios do sexto andar, onde Heinz ia freqüentemente para seus contatos oficiais. Faltavam-lhe, no entanto, as chaves. Aconteceu que, um dia, em sua busca pelos corredores do último andar, depարou com o letreiro: HERREN. Claro! O banheiro dos homens!

Logo a seguir, Heinz examinou todos os banheiros. Estavam do lado contrário, dando para um pátio interno – todos menos um. No corredor mais distante do Muro, havia um banheiro para homens, isolado, dando para o sexto andar, com apenas uma pequena diferença de altura da janela para o telhado inferior.

O plano estava pronto. Eles se ocultariam nesse banheiro, que seria o trampolim para a fuga.

A longa espera. Depois de terem passado pelo posto de controle dos passes, naquela manhã do dia 28 de julho de 1965, os Holzapfels se dirigiram para rumos diferentes: Heinz foi ao barbeiro e Jutta ao salão de beleza dos ministérios. Aí, Jutta se contraiu por momentos; tinha ficado com a maleta contendo o equipamento para a fuga. Heinz e ela achavam que uma mulher tinha menos possibilidades de ser revista. Enquanto a cabeleireira trabalhava, Jutta tinha a volumosa mala a seus pés.

Quando foi para o secador e sentiu o capacete quente envolvendo-lhe a cabeça, seu nervosismo acalmou-se. Nisto, uma risada provocou-lhe um sobressalto. A jovem que tinha enrolado o seu cabelo estava agora com a sua maleta na mão, fingindo fazer um grande esforço. «Meu Deus, que peso! Que é que tem dentro?»

Por esquecimento, Jutta havia deixado a maleta junto da primeira cadeira.

Nem ousou responder – sua voz trêmula a denunciaria. Pegou a maleta, e saiu do salão com Günther o mais depressa que pôde.

Günther se achava distraído demais para se preocupar com o que se passava fora do fabuloso prédio que estavam visitando. Os cinzentos ministérios eram como uma pequena cidade coberta. Os três Holzapfels (Heinz tinha-se juntado a eles) visitaram o quartel dos bombeiros, a farmácia, várias lojas

e o grande café. Depois do almoço, na livraria do Estado, Heinz e Jutta quase perderam o fôlego quando Günther pegou um livro sobre pára-quedismo intitulado *Saltando das Nuvens*.

Já no fim da tarde, estavam de volta ao café. Heinz e Jutta, de olho no relógio, pouco tinham a dizer enquanto se demoravam comendo um sanduíche e tomando uma bebida quente. Às 4:30, meia hora depois de fechar, Heinz disse com calma: «Está na hora de ir andando.»

Ele e o garoto subiram pelo elevador até o sexto andar e se trancaram num banheiro de homens. Jutta subiu mais um andar e desapareceu num banheiro de senhoras que tinha encontrado durante o dia; era mais perto dos fundos do prédio (e do Muro) do que aquele que Heinz tinha escolhido semanas antes. Heinz e Günther juntaram-se a ela exatamente às 5:05 da tarde. Ninguém os viu.

Heinz abriu a pesada maleta de Jutta e tirou o aviso que tinha preparado, pendurando-o do lado de fora da porta: BANHEIRO COM DEFEITO. FAVOR USAR O OUTRO NO FIM DO CORREDOR. Em seguida, reforçou a porta com duas barras pequenas e grossas; seriam necessários vários homens para arrombá-la.

Günther assistia a tudo isto com espanto. Contaram-lhe, então, o plano. Se seguisse as instruções, ganharia uma bicicleta quando chegasse ao outro lado do Muro.

Fez-se silêncio. Haveria uma espera de quatro horas até que escurecesse. Enquanto Günther dormia, Heinz examinava o dispositivo de sinalização — uma lanterna elétrica envolvida num saco de balas com um dos cantos cortados. Deixava escapar um fiozinho de luz que não podia ser visto dos lados. Experimentou-o, apagando e acendendo várias vezes.

DO OUTRO lado do Muro, os quatro amigos dos Holzapfels, carregando uma bobina de 150 metros de cabo de aço enegrecido, dirigiram-se até um caminhão abandonado num terreno baldio próximo. Esse caminhão era um bom ponto de fixação para a extremidade do cabo aéreo dos Holzapfels. Vestidos de preto, não eram visíveis em seus esconderijos perto do Muro.

NO BANHEIRO, a apenas um quarteirão, Heinz e Jutta esperavam impacientemente. Já tinha passado das nove horas e, embora não houvesse lua, estava ainda muito claro. Finalmente, às 9:30, acordaram Günther, ajustaram os equipamentos e calçaram as «meias de rastejar», velhas meias de esquiador às quais Jutta tinha costurado sôlas de espuma de borracha. Heinz abriu a janela e todos saltaram para o telhado do sexto andar. Aí, pararam a fim de sujar o rosto com fuligem. Então, Heinz moveu-se em direção aos fundos do prédio, onde estava o Muro.

Cabeças inclinadas, corpos agachados, foram pulando de esconderijo para esconderijo, protegidos pelas sombras das chaminés projetadas no telhado. Estavam sobre uma saliência limitada de um lado pelas paredes do sétimo andar e do outro por uma descida de três metros até o telhado do quinto andar.

Dentro em pouco, estavam a mais da metade do caminho do ponto onde deviam descer para o quinto andar. Nesse momento, uma janela projetou uma faixa de luz amarela brilhante cruzando exatamente o caminho por onde iam passar. Lembrando-se das suas explorações, meses antes, no interior dos ministérios, concluiu que aquele era o escritório da *Stasi* — a Polícia de Segurança Estatal. «Cuidado!» murmurou.

A mulher e o filho balançaram afirmativamente as cabeças e seguiram-no até a borda do telhado a fim de ficarem fora do alcance da luz da janela. Engatinhando, os três passaram silenciosamente pelo ponto de perigo. Dentro da sala, viram, com surpresa, não oficiais de polícia armados, mas um grupo de homens em roupas interiores. Segundos depois, a luz apagou-se; a *Stasi* tinha ido dormir.

Erguendo-se, os Holzapfels começaram a mover-se com rapidez.

A descida para o telhado do quinto andar foi bastante fácil, mas agora eram obrigados a rastejar. Nesta última parte do telhado,

havia poucas sombras para escondê-los, e a silhueta de uma pessoa em pé seria facilmente vista contra a claridade das luzes de Berlim Ocidental.

Heinz foi o primeiro, depois Günther e, a seguir, Jutta. Cada adulto levava uma maleta: a de Jutta, cheia de equipamentos para a fuga; a de Heinz, com os documentos da família e lembranças. Empurravam-nas à sua frente, à medida que rastejavam, num movimento repetido de empurra, rasteja, empurra, rasteja.

Enquanto isso, do outro lado do Muro, uma patrulha da polícia da Alemanha Ocidental tinha encontrado seus companheiros, dizendo-lhes que dispersassem. Nos primeiros tempos da existência do Muro, as autoridades de Berlim Ocidental costumavam ajudar as tentativas de fuga, mas, a partir de 1965, o governo da cidade mudou de política a fim de evitar incidentes de fronteira. A polícia, portanto, não via nenhuma razão para encorajar aquele grupo que se recusava a explicar a sua presença ali.

Finalmente, um deles apontou para os ministérios. «Há uma família sobre aquele telhado», disse aos guardas.

Estes ficaram incrédulos. Como podia alguém ousar fugir de uma fortaleza como o Palácio dos Ministérios?

Os alemães ocidentais, entretanto, insistiram, mostrando o cabo e explicando os detalhes da

operação. O chefe da patrulha ouviu, comunicando-se depois pelo rádio com o quartel-general, para pedir instruções. Minutos depois, os homens voltaram para seus postos, e 20 policiais armados de metralhadoras tomaram discretamente posição nas imediações.

Luz verde. Já eram quase 11 horas da noite quando os Holzapfels alcançaram o ponto mais afastado do telhado do quinto andar. Procurando um ponto de apoio para amarrar o cabo, Heinz nada encontrou. O único objeto mais viável, à vista, era um longo mastro da bandeira, no flanco oposto daquela ala dos ministérios, a pelo menos uns 50 metros. Começaram de novo a rastejar.

Quando finalmente chegaram ao mastro da bandeira, os Holzapfelds estavam quase exaustos – mas não havia tempo para descansar. Silenciosamente, Jutta começou a desembrulhar seu equipamento de fabricação caseira: roldanas de madeira, um martelo, resistente fio de náilon de raquete de tênis. Heinz pegou sua lanterna camuflada e fez o sinal convencionado em direção a oeste.

Houve um piscar de resposta.

Depois, pegou no martelo e no fio de náilon. Amarrou uma das extremidades da bobina de náilon ao mastro da bandeira, que estava a seis metros da borda do telhado; a outra extremidade amarrou-a ao martelo, envolvido em espuma de borracha para abafar o barulho da queda. Levantou-se e balançou o

martelo no ar, ensaiando; depois, arremessou-o com toda a força. Ele e Jutta ouviram a bobina de náilon se desenrolando com um silvo. O fio esticou e eles puderam ver a cor brilhante do martelo, cinco andares abaixo e 15 metros à frente. Tinha caído exatamente para lá do Muro.

Após uma pequena espera, um vulto surgiu das sombras perto do Muro e avançou em direção ao martelo. Como um peixe mordendo a isca, engoliu o objeto e, novamente, desapareceu nas sombras.

Heinz esperou (o tempo suficiente, pensou, para seus cúmplices terem amarrado o cabo de aço ao náilon). Porém, quando puxou a linha, ela não deslizou – algo estava errado.

No lado ocidental do Muro, os amigos de Heinz tinham atado o náilon ao cabo de aço, mas este havia-se emaranhado na vegetação rasteira e eles tiveram que ir rastejando para desembaraçá-lo. Depois, se esqueceram de dar linha de folga a Heinz, que continuou a encontrar resistência toda vez que tentava puxar. Ambos os lados se perguntavam se os outros teriam visto alguma coisa com que não contavam.

Por fim, Heinz deu um puxão forte no náilon. A mensagem foi compreendida, pois logo folgaram o cabo. Daí a minutos, Heinz e Jutta, ofegantes, içaram a extremidade do cabo por cima da borda do telhado. Untado em piche, era

quase invisível. Lá embaixo, aparentemente sem nada perceberem, as sentinelas continuavam quietas.

Movimentando-se com rapidez, Heinz amarrou com firmeza o cabo em volta do mastro da bandeira, dando um nó duplo para maior segurança. Fez sinal: «Aqui tudo pronto.» Os amigos precisariam de alguns minutos para esticar o cabo e firmá-lo no chassi do caminhão. Em breve, Heinz viu a luz verde piscando.

Corrida para a liberdade. Günther seria o primeiro a descer. Mesmo que os guardas o descobrissem, não teriam tempo suficiente para apontar as armas e alvejá-lo antes que passasse o Muro. Sem uma palavra, o garoto de nove anos observava o cuidado com que seus pais conectavam ao cabo seu frágil veículo libertador. Era uma roda de madeira de 20 centímetros de diâmetro, com um profundo sulco para encaixar sobre o cabo. Heinz tinha serrado ao meio roldanas de madeira rija, introduzindo-lhes nos furos centrais cubos normais de bicicleta, colando e aparafusando novamente as metades serradas. Um pedaço de cano inserido através do cubo e apertado com porcas de borboletas formava o suporte de apoio. Enquanto isso, Jutta tinha se encarregado de confeccionar uma espécie de selins com plástico grosso de estofar, entrançado, com as medidas certas para cada um dos membros da família.

Günther agachou-se, obediente, por baixo do cabo, enquanto eles amarravam as correias por cima do cano de suporte, apertando-as firmemente e colocando-lhe um cinto de couro extra. Assim, mesmo que se soltasse do suporte, seria amparado pela cadeirinha entrançada presa ao cinto.

Um problema surgiu: a amarração do cabo no mastro da bandeira havia sido feita muito abaixo, de modo que o cabo ficou pressionando a borda do telhado. Para que não tocasse no beiral, o cabo tinha de ser levantado. Heinz colocou-se por baixo dele, suspendendo-o com os ombros, e Jutta deu um pequeno empurrão em Günther. O garoto passou por cima do beiral, sem tocar nele; foi incrível a rapidez com que desapareceu.

Com o coração aos pulos, Günther mal podia perceber o que estava acontecendo. À medida que o vento batia em sua face, sentia (mais do que via) focos de luz passando pelos seus pés. Nisto, bateu numa figura com fortes braços abertos. Num instante, estava livre do equipamento, no meio de um terreno baldio, com o Muro já por trás de si. Não tinha pronunciado palavra.

No telhado, Heinz e Jutta esperaram pelo piscar da luz verde dizendo que Günther estava salvo. Quando este chegou, fizeram sinais: «Prontos novamente.»

Jutta desceu, flutuando, com uma mala pendurada ao pescoço.

A polícia apressou-se em levar Jutta e Günther para a delegacia mais próxima, e os amigos de Heinz ficaram a postos, esperando por ele. O cabo, entretanto, não se movia; nenhuma vibração que denunciasse um terceiro fugitivo.

No telhado dos ministérios, Heinz estava apavorado, usando toda a sua força para levantar o cabo, mas este praticamente não se movia. Já em desespero, deu vários puxões, pedindo mais cabo, mas, lá embaixo, ninguém entendeu. Finalmente, alguém se lembrou de correr à delegacia para pedir a opinião de Jutta. «Deve estar precisando de mais cabo», disse. «Soltem-no um pouquinho!»

Daí a pouco, Heinz tinha o cabo pedido — não todo o que queria, mas o suficiente para levantá-lo alguns centímetros. Assim, teria que funcionar.

Heinz amarrou as correias de sua cadeirinha ao suporte da última roldana. Olhou para o cabo, que quase roçava a linha do telhado. Ainda não havia espaço para uma pessoa passar. Agarando o cabo abaixo da roldana

com ambas as mãos, foi se espremendo por cima do beiral. Primeiro, conseguiu passar as pernas; depois, com bastante esforço, o corpo todo. Caiu no espaço.

Estava bem amarrado com o equipamento, e o cabo encaixou bem no sulco da roldana. Num instante, começou a descer, cada vez mais rápido, para baixo e para longe. Passou pelo Muro e, como uma bala de canhão, bateu de encontro ao grupo que o aguardava.

HORAS depois, quando a aurora já vinha chegando, Heinz e Jutta estavam ainda conversando com seus amigos num quarto de hotel cheio de fumaça. Günther, que em breve seria o orgulhoso proprietário de uma bicicleta nova, dormia profundamente. No Muro, à medida que a luz do dia delineava a silhueta do cabo, um guarda de fronteira, com capacete de aço, foi então puxar o cabo para dentro.

Hoje, a família Holzapfel vive feliz, em Munique. Heinz trabalha numa loja de material esportivo, e Jutta numa agência de publicidade. Günther já tem 20 anos e está completando o serviço militar na Alemanha Ocidental. (Nota dos editores.)

O ESCRITOR inglês Arnold Bennett estava autografando seus livros num almoço literário. Um fã incondicional de Bennett tinha três exemplares de primeiras edições, mas ficou acanhado de lhe pedir que assinasse os três volumes de uma vez. Apresentou o primeiro e se pôs novamente na fila de autógrafos, pensando que o escritor não se lembrasse dele. Demorou mais um pouco e apresentou o terceiro livro. Imperturbável, Bennett escreveu: «Para Fulano que, rapidamente, se está tornando um velho amigo.»

— O. G.